

# O LEXEMA *ACTIUM* NA LITERATURA LATINA: O RECURSO LITERÁRIO; A IDENTIDADE DE UM ESPAÇO GEOGRÁFICO<sup>1</sup>

NELSON HENRIQUE S. FERREIRA

Universidade de Coimbra

## Resumo

*Actium* é uma memória monumental para o período republicano. Este lexema marca o final do sistema republicano e o início de uma nova ordem. Mas o que significou para o Romano do séc. I d. C.? Através de um largo número de referências na Literatura latina a este termo emblemático, esperamos, pelo menos, compreender o valor potencial e a variedade que reveste na Cultura Romana.

**Palavras-chave:** *Actium*, Agripa, batalha de *Actium*, César, Cleópatra, guerra civil, Marco António, monumento.

## Abstract

*Actium* is a monumental memory to the republican period. This lexeme marks the end of the republican system and the beginning of a new order, but what did it mean to a Roman of the 1st century AD? Through the large number of references in Latin literature to this emblematic word, we expect to, at least, understand the potential value and its variability in Roman culture.

**Key words:** *Actium*, Agrippa, battle of *Actium*, Caeser, Cleopatra, civil war, Marcus Antonius, monument.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi elaborado no âmbito do seminário de Mestrado *Política e Cidadania na Antiguidade*, tendo sido revisto e adaptado para esta publicação, mediante o conselho e orientação do Prof. Doutor Francisco de Oliveira, a quem muito agradecemos.

A dois de Setembro de 31 a.C., durante o consulado de César Augusto e Messala Corvino, deu-se aquele que seria o confronto decisivo para a definição de poderes em Roma, a batalha de Áccio<sup>2</sup>. O choque das facções de Octávio e Marco António seria o início do declínio do amante de Cleópatra. Por ter sido a batalha que despoletaria o fim da guerra civil, o confronto junto à ilha de Leucade<sup>3</sup>, entraria para a História romana, a ponto de se assumir como um tema monumental e épico.

Um acontecimento de tamanha importância não deixaria de constar na literatura latina, fosse como registo histórico, motivo poético, paralelismo estilístico, ou mera referência geográfica. De facto, o próprio local da refrega assumiu tanta fama que, em contexto de viagem, era necessário referir-se a passagem pelo mesmo, ainda que esta não fosse propositada – a região de Áccio seria por si só um monumento ao passado que lhe estava associado.

Tendo por base as ocorrências do lexema *Actium* em autores que produziram entre os finais do século I a.C. e os inícios do século III da nossa era, este trabalho propõe-se analisá-las no âmbito da literatura latina. Porém, não serão tidas em conta as referências temáticas que comentam ou notam a batalha sem a nomear. Nesse sentido, explora-se o valor e conotação que o termo adquiria em determinado texto, com o fim de obter uma visão abrangente daquilo que seria *Actium* para o romano letrado da época referida. Note-se que este trabalho não pretende identificar uma fixação semântica ou ideológica do valor deste lexema, uma vez que, como adiante se verá, carrega praticamente tantas conotações, quantas as ocorrências<sup>4</sup>.

Para a exposição seguiu-se uma ordem cronológica de autores, separando os textos em prosa dos textos em verso e, por opção, foi excluída a análise da batalha propriamente dita, numa perspectiva arqueológica, na medida em que tal estudo afastar-se-ia do objectivo traçado.

### **Textos em prosa**

Tito Lívio (c. 59 a.C. – 17 d.C) é o historiador mais antigo a pronunciar-se sobre a batalha de Áccio. Para além de fornecer dados sobre o desenrolar

---

<sup>2</sup> Promontório na região do Epiro, c. 50 km da Ambrácia (*vide* Wittke, Olshausen & Szydlak, 2010).

<sup>3</sup> Ilha a sudoeste do promontório de Áccio (*vide* Wittke, Olshausen & Szydlak, 2010).

<sup>4</sup> Não foram considerados autores do período imperial romano que tenham produzido originalmente as suas obras em língua grega.

dos acontecimentos, Tito Lívio associa directamente ao conflito na região de Ambrácia o segundo grande período de paz no seio do império<sup>5</sup>. Ainda que muitos autores posteriores tomem a batalha de Áccio como o acto derradeiro do conflito, pois determinou o vencedor da guerra, nenhum outro a coloca tão explicitamente como marco cronológico do fim das guerras civis e consequente paz interna. Todavia, apesar de uma certa conotação definitiva, o autor teria sempre presente a existência de posteriores confrontos militares, demonstrando não ignorar os acontecimentos que se seguiram à batalha, ao notar com relevo a fuga de Cleópatra e Marco António para o Egipto (*Per.* 133.1) – passagem importante não só para a narração do desenrolar do mais marcante confronto naval da história de Roma, mas também para a compreensão das consequências que a mesma teria numa guerra civil ainda por terminar.

A derrota final de Marco António e a gloriosa vitória de Augusto tiveram no termo *Actium* a sua expressão, e assim seria daí em diante, independentemente dos acontecimentos que se seguiriam. Porém, será conjecturar dizer que foi Tito Lívio quem primeiro conotou desta forma o conflito. Não se conhecem notícias que mencionem tais factos e o próprio desenvolvimento da guerra civil e o rápido término após a escaramuça naval poderão ter propiciado esta corrente, pelo que é possível que o historiador romano se tenha limitado a segui-la<sup>6</sup>.

Contudo, é certo que para os autores que viveram o conturbado período da guerra civil, *Actium* foi sinónimo de alívio, independentemente da preferência por algum dos partidos, ou mesmo da rejeição de ambos.

Em *Historia Romana* (2.84), Veleio Patérculo (19 a.C. – 31 d.C.) dedica especial atenção à batalha de Áccio, conferindo-lhe um enorme valor histórico<sup>7</sup>. Além de fazer um relato dos acontecimentos antecedentes e instigadores do confronto, descreve e identifica a situação das várias personalidades envolvidas. A visão de Veleio é bastante facciosa, tendo grande inclinação por aquele que seria o partido vencedor. Essa parcialidade

---

<sup>5</sup> O primeiro, de acordo com historiador, terá ocorrido após a terceira Guerra Púnica.

<sup>6</sup> O subsequente confronto entre a facção de Marco António e Octávio em Alexandria, não foi mais do que um golpe de misericórdia num partido já muito desacreditado, sem grande força militar e qualquer possibilidade de longa resistência ou contra-ataque, o que explicaria os suicídios dos dois amantes.

<sup>7</sup> Existe grande proximidade entre aquilo que Veleio narra sobre a época de Augusto e a informação transmitida nas *Res Gestae Divi Augusti*.

poderá dever-se à proximidade cronológica do autor em relação aos acontecimentos que envolveram o fim da República. Carregando o seu texto de potencial propagandístico que muito elevava o Imperador e a Roma sob o seu poder, Veleio legitimou a pertinência das acções do mesmo em detrimento daqueles que se lhe opuseram: Octávio submete os adversários pelas armas e pela palavras, pois é dessa forma que provoca a rendição dos contendores<sup>8</sup>.

No entanto, na época em que *Historia Romana* terá sido redigida, poucos teriam conhecido um regime que não o de Augusto, pelo que a pura propaganda política<sup>9</sup> poderá não ter sido o grande factor a potenciar as opções de Veleio. É possível que o historiador apenas pretendesse vincar um determinado período da história e, estando temporalmente próximo, seria maior o acesso a dados e notícias sobre os acontecimentos – daí a elevada ênfase dada não só à batalha, mas também a todo o período coincidente com a entrada de Octávio no cenário político romano. Ora, exactamente pela proximidade cronológica, muitas das informações disponibilizadas seriam, obviamente, coincidentes com as tendências do regime e com a heroicização de César Augusto. De resto, esta apresentação, próxima do género propagandístico, é comum por parte dos autores latinos da época.

A facção de Marco António é apresentada como desmoralizada, sob fraca liderança, inclinada à fuga<sup>10</sup> e suportada por um general que havia perdido a razão por conta da influência maligna da rainha Cleópatra VI<sup>11</sup>. Na verdade, Veleio dá a entender que o combate estava perdido à partida e que o seu inevitável desfecho era apenas uma confirmação final daquelas que haviam sido as vitórias militares antecedentes, de Agripa, o grande comandante das forças de Octávio. De facto, no que diz respeito ao combate

<sup>8</sup> Poder-se-á identificar aqui um certo simbolismo, ao colocar-se o governante como um comandante militar de excelência e ao mesmo tempo como grande estadista. Esta apresentação de Augusto, coincidente com a referida parcialidade em toda a obra de Veleio, poderá ser, a par das *Res Gestae Divi Augusti*, o alvo de Tácito na crítica que faz à perda da verdade histórica – *infra* citada (nota 14).

<sup>9</sup> Entenda-se este comentário pela inexistência de uma forte oposição proponente de um diferente regime político e com apoio popular.

<sup>10</sup> Veleio alude, por várias vezes, às deserções dos apoiantes de António, destacando a do Rei Amintas.

<sup>11</sup> Duvidando da autonomia de António, Veleio sugere que este agia sob a vontade de Cleópatra.

propriamente dito, Agripa é um nome indissociável da batalha de Áccio, pela actuação que teve antes e durante a mesma. Veleio nota isso de forma muito evidente na sua narrativa, distanciando-se de outros autores que, em louvor de Augusto, relegam Agripa para um segundo plano<sup>12</sup>.

Todavia, o historiador romano desculpabiliza as forças militares contrárias a Octávio. De acordo com a sua exposição dos factos, estas apenas seguiam um general corrompido por uma rainha bárbara e cumpriam o seu dever para com o mesmo. Veleio afirma que os soldados de Marco António se debateram bravamente e só aceitaram a rendição após o abandono do seu próprio general<sup>13</sup>. Tratava-se de uma luta de romanos contra romanos, de uma guerra civil de pouco sentido para o autor, pelo que o tratamento heróico do adversário, que à partida poderia tomar como traidor, surge no sentido de unir as facções militares como único povo que eram e ao mesmo tempo lembrar o feito maior de César Augusto: o término da guerra civil e a submissão dos povos bárbaros.

Independentemente da precisão histórica ou falta dela, Veleio é o autor que narra de forma mais completa a acção da batalha, pelo que o quadro que nos deixa, terá sido a tela comum presente na mente dos autores do final da República e do início do Império<sup>14</sup>. O maior exemplo é o da fuga de Cleópatra, seguida por António, cuja descrição encontra paralelos em toda a literatura latina.

Cornélio Tácito, que terá vivido entre os anos 55 e 120 da nossa era, comenta a mudança radical que a batalha de Áccio terá provocado no

<sup>12</sup> Lembre-se a descrição do escudo de Eneias, comentada mais tarde neste trabalho.

<sup>13</sup> O historiador também faz alusão àquele que pode ter sido um grave erro militar: o uso de grandes navios em detrimento de uma maior agilidade e rapidez. Tendo em conta o espaço geográfico e a grande concentração de embarcações, a desvantagem seria enorme. No entanto, a provável intenção de Marco António não seria obter uma vitória sobre o exército de Octávio, mas sim romper o bloqueio a que estava submetido. Nesse sentido, não terá tido tempo de preparar a frota adequada. Esta é uma reflexão ausente do texto de Veleio, não sendo possível distinguir com segurança uma omissão proposta de um simples desconhecimento. Mas é plausível que o historiador não estivesse consciente de todas as circunstâncias que envolviam o combate, nomeadamente uma estratégia de António para adiar o embate para outra altura e em diferentes circunstâncias.

<sup>14</sup> Entenda-se esta imagem no âmbito do desenvolvimento da batalha e não tanto nas circunstâncias e personalidades nela envolvidas, pois nesses aspectos as divergências seriam naturais, como vimos em Tito Lívio.

universo romano (*Hist.* 1. 1). O autor de *Historiae* considera que aquele confronto culminou num posterior enfraquecimento do sistema político, da produção literária e da preservação da verdade histórica<sup>15</sup>. Nesse sentido, volta a referir *Actium* para lembrar que os mais velhos de entre os romanos haviam nascido ainda durante as guerras civis e os mais novos depois da batalha de Áccio, pelo que não conheciam por experiência própria o regime republicano (*Ann.* 1.3). Ainda que não exista uma clara intenção de carregar o termo com uma simbologia negativa, as consequências a que o autor o associa revelam uma outra faceta possível de *Actium* aos olhos dos romanos, pelo menos aos daqueles que defenderiam o retorno da República em detrimento do regime vigente<sup>16</sup>. Portanto, a batalha pode ser carregada de um certo valor simbólico: o fim da República e o início de um regime totalitário e ditatorial. Este é um símbolo de carga dual, dependendo do indivíduo que o tomasse e do objectivo que lhe atribuísse.

As viagens à Grécia foram simultaneamente um modo de educação e uma forma de recreio muito comum entre os patrícios romanos. Estas viagens acabaram por ter nos seus itinerários muitos pontos comuns, não só porque a viagem na antiguidade era feita sobretudo junto à costa, pelo que os aportamentos eram frequentes, sendo alguns portos paragens tradicionais; mas também porque certos locais praticamente obrigavam à visita, quer fosse por questões religiosas, recreio turístico ou curiosidade científica<sup>17</sup>. Tendo em conta a inegável notabilidade histórica e a consequente fama, o espaço geográfico privilegiado no que diz respeito ao trânsito marítimo, a localização nas imediações de uma cidade com relevante magnitude<sup>18</sup> e o facto de ter um importante templo consagrado a Apolo,

<sup>15</sup> Estas considerações de Tácito terão que ver com a grande acumulação de poderes políticos num único indivíduo e todas as consequências daí advindas: pouca participação por parte do corpo de cidadãos (neste caso de elites políticas) e uma consequente estrutura de propaganda ou adulação que influenciaria a produção literária e a exactidão dos registos históricos.

<sup>16</sup> Tácito transmite-nos um dado ignorado nas obras referidas anteriormente: Octávio terá capturado alguns dos barcos, tê-los-ia tripulado mais tarde com volumosa e equipada tripulação (*Ann.* 4. 5).

<sup>17</sup> Tome-se o exemplo de Plínio-o-Antigo. Contudo, note-se que muitas dessas viagens terão ocorrido no desempenho dos vários cargos oficiais por ele ocupados.

<sup>18</sup> Os vestígios arqueológicos de Nicópolis, a cidade construída por Augusto para celebrar a vitória, indiciam uma elevada densidade populacional e um impor-

este local parece ter reunido todas as condições para ser incluído como passagem obrigatória numa viagem marítima pelo Mediterrâneo, ou pelo menos surgir nos seus relatos<sup>19</sup>.

Tácito, entre outros autores, refere *Actium* nesse contexto<sup>20</sup>. O historiador comenta que Germânico (15 a.C. – 19 d.C.)<sup>21</sup> visitou, numa das suas viagens, o promontório que ficou célebre pela batalha de Áccio. Este pormenor torna-se bastante interessante, tendo em conta a importância da personalidade referida e a apresentação daquele espaço como um sítio arqueológico, algo só acessível a locais que não só tiveram grande importância num dado momento da história, mas que para além disso preservaram a fama ao longo do tempo. Tendo em conta o comentário de Tácito – com paralelo em outros autores já referidos –, parece ser seguro afirmar que no último terço do século primeiro Áccio tinha um valor de monumento físico. De contrário, Tácito ignorá-lo-ia, uma vez que este local não teve grande relevância na viagem em questão.

O conhecimento da região de Áccio por parte dos romanos, motivado pela batalha naval que ali teve lugar, é sugerido por muitos paralelismos coloquiais em que surge a ocorrência do lexema *Actium*. Ou seja, a fama daquele espaço geográfico estaria tão enraizada na cultura popular, que o seu uso como marco, adjetivo comparativo ou referência cronológica seria útil para clarificar elementos do discurso. Aparentemente, e dada a natureza dos escritos deste autor, o leitor ou ouvinte de Tácito não terá sido exclusivamente membro de uma elite de formação cultural muito elevada. Por essa razão, quando compara as festividades em honra de Cláudia Augusta, filha do Imperador Nero (63 d.C.), às *Actiacae religionis*<sup>22</sup> (*Ann. 15.23*) por estas terem jogos à semelhança do festival de Áccio, tem presente a popularidade daquela região e a consequente acessibilidade do seu comentário a um público bastante abrangente.

---

tante fluxo comercial, com imponentes infra-estruturas ainda perceptíveis.

<sup>19</sup> Marco Manílio em *Astronomica* (5. 52.) refere Áccio por questões de definição geográfica.

<sup>20</sup> *Ann. 2. 53.*

<sup>21</sup> General de César Augusto que gozou de grande fama, apontado como sucessor de Tibério e pertencente à família Júlio-Cláudia: *vide OCD*.

<sup>22</sup> Trata-se de um festival (jogos quinquenais) celebrado em Nicópolis, decretado por César Augusto, como comemorativo da vitória na Batalha de Áccio.

Qualquer autor que por alguma razão se debruçasse sobre a história romana, de uma forma ou de outra, teria de lembrar os acontecimentos que desencadearam o fim da República. A inevitabilidade dessa abordagem é constatável não só em trabalhos de carácter histórico, mas também em obras que, não tendo como objectivo principal a abordagem da história romana, referiram a batalha de Áccio, por variados motivos. Plínio-o-Antigo (c. 23 d.C. 79 d.C.) deixou-nos algumas ocorrências do termo *Actium* na sua obra *Naturalis Historia*. Contudo, não tinha o objectivo de reflectir sobre os acontecimentos e o espaço a eles associado ou de fornecer, a propósito, alguma informação que não fosse já do conhecimento do leitor. É o caso de *Nat.* 19.22, onde regista apenas alguns aspectos do combate e a fuga de Marco António. Esta referência surge como uma nota à exposição de um outro tema – o autor faz uma breve pausa do assunto em tratamento com informação complementar, para posteriormente o retomar. Observe-se que, anteriormente, Plínio tomava considerações acerca do linho, enquanto têxtil, e das suas possíveis utilizações. Como exemplo, lembra as velas da embarcação de Cleópatra, tingidas de púrpura e distintas da restante frota. Fazendo uma breve pausa, através de uma ligeira mudança temática, torna mais leve a leitura e consequente assimilação de informação por parte do leitor. O mesmo recurso é utilizado em *Nat.* 21.12 sobre a relação de Marco António com Cleópatra.

Na maioria das vezes, a ocorrência do termo *Actium* é meramente geográfica, estando Plínio a identificar um ponto espacial específico, sem qualquer alusão à carga que poderia deter. Tais ocorrências<sup>23</sup>, tão simples e desprovidas de mais informação que identifique Áccio como a região da famosa batalha, não são muito comuns em autores posteriores ao confronto naval. Na verdade, grande parte das ocorrências do género da do autor de *Naturalis Historia* são anteriores à batalha e surgem com alguma frequência<sup>24</sup>. Esta situação dever-se-á à conotação adquirida pelo local, cujo valor só poderia ser omitido em determinadas circunstâncias, como escritos de carácter pessoal ou enciclopédico.

Também em Petrónio<sup>25</sup> ocorre o lexema *Actium* como mera referência geográfica (121.1). Contudo, o registo não é o mesmo do Naturalista. O

<sup>23</sup> *Nat.* 7.149, 14.148 e 32.3.

<sup>24</sup> Tomem-se como exemplo *Cic. Fam.* 16.9 e *Att.* 5.9.

<sup>25</sup> Não existem certezas quanto a esta personagem. Actualmente considera-se ser o autor de *Satyricon* o mesmo Petrónio referido nos *Annales* de Tácito, tido como o primeiro romancista latino e uma personalidade influente na corte de Nero.

local é citado pela importância que detinha no imaginário histórico e monumental romano e por ser um apreciado destino turístico. O autor de *Satyricon* satiriza muitos dos costumes tidos como refinados pela elite económica romana. Entre alguns desses hábitos estavam as viagens de recreio, que teriam um grande número de pontos coincidentes para paragens obrigatórias, a fim de que a viagem fosse legitimada por um certo requinte cultural, inclusive dos novos-ricos. Todavia, esta passagem não se refere especificamente a esse aspecto, antes satiriza um género narrativo elevado, através de uma lamentação que muito tem de trágico e épico: uma oração que evoca as grandes vitórias bélicas romanas, nomeando os espaços onde estas se deram, entre os quais surge o promontório Áccio, o último dos territórios onde foram travados esses gloriosos combates. É importante salientar que a carga monumental associada a este espaço está bem presente, e se não ignorarmos que os intervenientes na acção não eram propriamente de status social elevado, é possível conjecturar sobre um possível conhecimento comum ao grupo social representado pelo narrador – o qual, apesar de não ser abastado, tem acesso a uma aprofundada educação.

Suetónio (c. 70 d.C. – 130 d.C.), em *Aug.* 17.3 comenta a batalha de Áccio, dizendo-a bastante longa por se ter prolongado até à noite. Vincava desta forma o seu carácter excepcional, uma vez que na antiguidade o confronto no campo de batalha não poderia prolongar-se por largos períodos. Além disso, tratava-se de uma pugna naval, estando dependente de remadores. Ora, este tipo de locomoção estava sujeito às limitações físicas próprias da condição humana.

Em *Aug.* 18.2. Suetónio lembra a fundação da cidade de Nicópolis e a reforma de um antigo templo de Apolo, no propósito da comemoração da batalha de Áccio<sup>26</sup>. A cidade, fundada a 31 a. C. a norte do promontório, passa ela própria a ser uma evocação do confronto militar, pelo que todas as referências à cidade romana não ignoram esse facto. E o mesmo sucede com o templo de Apolo Áccio, que deve a sua fama e importância ao mesmo acontecimento histórico, uma vez que o templo não é nomeado antes de se ter dado o conflito, e a partir daí passou a ser uma referência obrigatória em viagens marítimas pela região.

Suetónio mencionara *Actium* em passo anterior, desta feita como fazendo parte do rol das cinco grandes batalhas civis: Módena, Filipos,

---

<sup>26</sup> Este templo, reformado após a batalha de Áccio, gozou de muita fama na antiguidade, pelo que muitas das ocorrências do termo *Actium* se lhe referem.

Perúsia, Sicília e Áccio<sup>27</sup>. Portanto, trata-se da última batalha de relevo, do último grande conflito interno, consequentemente o mais digno de memória para a história romana. No contexto bélico e histórico, *Actium* é assim consagrado como um termo carregado de simbolismo, como marca de um término e de mudança.

### Textos em verso

Ao contrário do que seria de esperar, pela importância que a batalha detinha dentro do imaginário romano, o termo *Actium* não ocorre com muita frequência na produção artística. Para além de algumas ocorrências entre os elegíacos da época de Augusto, *Actium* surge apenas esporadicamente entre poetas e autores de obras literárias em prosa, como seja Petrônio<sup>28</sup>. E, na maioria das vezes, nem chega a existir um tratamento literário da batalha, apenas uma referência que funcione como recurso estilístico, rápida recordação de uma acção passada ou simplesmente um célebre espaço geográfico.

Na *Eneida* de Virgílio (70 a.C. – 19 a.C.), o termo *Actium* surge com especial importância na descrição do escudo de Eneias (A. 8. 675), tratado na esperada feição épica. Ao centro do escudo estava o mar e um cenário em muito semelhante àquele que Veleio Patérculo viria mais tarde a descrever, porquanto o choque se dava no centro, como se fosse este acontecimento o mais dramático e glorioso da história de Roma. A batalha parece ser colocada num plano mítico e, ainda que no texto evoque um futuro distante, o modo como é apresentada remete para uma glória passada.

César Augusto conduzia todos os povos itálicos e senadores, bem como os Penates e grandes deuses, que o favoreciam. Esta marcha, que arrasta toda uma cultura e deuses apoiantes, encontra curiosa semelhança no avanço grego para Tróia. Além do motivo épico, nota-se uma total separação de facções. Já não se trata de uma luta fratricida, antes de um combate de romanos contra bárbaros comandados por um general embriagado pelo amor de Cleópatra. Uma abordagem diferente daquela que mais

<sup>27</sup> Aug. 9.1. É curioso o facto de Marco António ser interveniente tanto na primeira como na última batalha.

<sup>28</sup> Este comentário refere-se aos grandes autores do verso latino dos séculos I e II, pois é possível encontrar o termo *Actium* em alguns fragmentos cujos autores não são conhecidos e em comentários das obras de Horácio e Virgílio.

tarde Veleio Patérculo fará e contraditória relativamente a algumas ideias propagandísticas de Augusto, como o término das hostilidades entre romanos. Esta diferença cria espaço para serem consideradas duas dimensões do imaginário que envolveria a batalha de Áccio: a do triunfo heróico sobre um inimigo de Roma e a da vitória da facção política imune à influência bárbara, que pôs cobro às guerras civis e ao sistema republicano.

Na *Eneida* de Virgílio, Áccio não é a batalha pacificador da Roma, aquela que põe fim a uma guerra civil, mas sim uma gloriosa vitória sobre uma poderosa coligação de povos bárbaros. Augusto aproxima-se do herói guerreiro, não sendo o homem-de-Estado, antes o líder unificador. Na verdade, apesar de o Imperador ser retratado como uma entidade quase divina, ao contrário dos escritos de Veleio Patérculo, a batalha não assume um valor propagandístico explícito. Simplificando, poder-se-á dizer que a diferença está no facto de uma obra ser um poema épico com o objectivo de glorificar os feitos romanos e seus heróis e a outra uma obra historiográfica, que passaria os factos pelo crivo da sua afeição ao regime.

De notar, é o papel do general de Augusto, Agripa. Se Octávio se apresenta num plano tão elevado que supera a fasquia dos heróis, Agripa ocupa o papel de herói humano, e nessa dimensão não pode, de forma alguma, assombrar a própria imagem de Augusto. Agripa é uma das principais engrenagens da acção que teve lugar em Áccio e, nesse aspecto, a coincidência com a informação transmitida por Tito Lívio, Tácito e Veleio é grande. No entanto, enquanto Virgílio coloca Agripa num plano inferior, Veleio parece superiozá-lo a Octávio, pela actuação decisiva que teve em toda a campanha e batalha. Veleio deixa, de certa forma, transparecer aquilo que parece ter provocado algumas “vozes baixas”: a fraca ou nula participação directa do futuro Imperador na batalha, face ao empenho total do seu general. Mas também é certo que, nem Tito Lívio, nem Tácito acrescentam mais informação do que aquela que é transmitida por Patérculo.

Como vimos, em Virgílio o termo *Actium* toma um valor próprio, alheio à cristalização que o lexema poderá ter sofrido no âmbito cultural, histórico ou mesmo mítico. São esquecidas questões políticas em favor da heroicização dos vencedores intervenientes.

A época de Augusto foi a “Idade do Ouro” da literatura latina<sup>29</sup>, não só pela grandiosidade artística de muitas das suas criações, mas também pela variedade que alguns autores foram capazes de produzir. Lembrem-se

<sup>29</sup> Vide Citroni (2006).

os exemplos de Ovídio, que não só nos legou obras como as *Metamorfoses* e os *Fastos*, como ainda produziu os *Amores* e a *Arte de Amar*; e o caso Horácio, autor de alguns dos mais grandiosos poemas de toda a língua latina e ao mesmo tempo grande reformador da sátira.

Mais do que a crítica, a sátira horaciana buscava, a comicidade através de situações comparáveis a realidades conhecidas, mas expostas num contexto de desproporção e ridículo. Ora, Horácio exercita essa veia satírica ao apresentar o litígio de dois irmãos por umas determinadas terras que têm um lago (*Ep. 1.18*). Cenário e ambiente são apresentados como se estivessem autenticamente a travar a batalha de Áccio: o primeiro dos irmãos surge como um autêntico general, com intenções de disputar uma tremenda guerra, com um lago a transfigurar-se em mar Adriático. Este passo não só expõe a ridículo a desproporção de um conflito por coisa tão miúda, mas também relembra aspectos envolventes da batalha de Áccio, bem sérios: dois irmãos que entram em litígio. Esta é uma visão que vai para além da crítica ao confronto entre dois homens que, além de concidadãos, até detinham laços familiares<sup>30</sup>, podendo subentender-se a guerra civil que implicou o confronto entre exércitos romanos. Até pela proximidade cronológica do autor relativamente a esses acontecimentos, esta é uma interpretação que faz bastante sentido, tendo em conta que o término das guerras entre romanos foi uma das bandeiras propagandísticas de Augusto<sup>31</sup>.

A elegia latina teve na época de Augusto o seu momento mais elevado<sup>32</sup>. De grande versatilidade no que toca à temática, poderia cantar desde a mais épica das batalhas ao mais trivial feito amoroso<sup>33</sup>, elevou à glória alguns dos seus cultores, entre os quais se encontra Propércio (c. 50 a.C. – 16 d.C.). Assim se entende que o poeta do amor por excelência não

<sup>30</sup> Octávio e Marco António promoveram uma série de casamentos entre as suas famílias, chegando mesmo a ser participantes activos neles, pois Marco António casou com Octávia, irmã de Octávio, em 40 a.C. cf. *OCD*, s. v. Antonius, Marcus (Oxford, 1996).

<sup>31</sup> Sem prejuízo de o passo poder prestar-se a uma interpretação cómica linear, o ridículo exagero de uma trivial contenda entre irmãos, o simples facto de envolver dois irmãos não pode, de todo, ser inocente.

<sup>32</sup> Citronni (2006) 547-555.

<sup>33</sup> De facto, mesmo quando detinha um tema central, como em Ovídio, o poema elegíaco não estaria isento de conter outros temas que poderiam até chocar com o primeiro.

se tenha excluído de abordar temas bélicos na sua poesia<sup>34</sup>. O recurso a estes temas varia consoante a imagem pretendida pelo poeta, pelo que é possível encontrar nele ocorrências do termo *Actium* em diferentes registos, fornecendo variadas “tintas” para o quadro temático.

Numa das elegias (2.15.34), Propério descreve a majestade do desfile de vitória de César Augusto em Roma, pintando um quadro onde brilham os esporões dos navios de Áccio. A tela barroca é um hino à vitória, porém, sem que o factor activo da batalha esteja expresso. As armas e os navios, ainda que evoquem o conflito bélico, surgem mais como efeito propiciador do Belo e do Monumental.

*Actium* é um motivo nacional e, por isso, o poeta refere-o entre outros feitos memoráveis (2.15), de modo a que este seja associado a uma glória, entre tantas outras, como marca de uma identidade. A escolha poderia ter recaído noutras batalhas ou feitos de grande importância para a história romana e certamente não ignorados pelo autor. No entanto, o valor desta no contexto sociopolítico da obra e a proximidade cronológica da mesma ditaram a sua presença. Contudo, o poeta entra em contradição quando rejeita cantar o tema bélico de Áccio, agradável para poetas como Virgílio, mas não para Propério (2.34), chegando mesmo a criticar esta batallha, por lá terem caído tantos romanos<sup>35</sup>. Os efeitos negativos de uma batalha vitoriosa nem sempre são lembrados, porque a conquista inebria a derrota da vida humana. Ora, Propério não o esquece. Da mesma forma, seria uma ideia presente na mentalidade dos romanos cronologicamente próximos da batalha, mas que o tempo naturalmente foi apagando. A forma como o verso surge no poema e o grau de lamentação nele contido, conferem à batalha, decisiva dos destinos de Roma, um significado ao mesmo tempo mais épico e realista, ainda que só um pequeno passo descubra essa ideia: da mais importante das batalhas, faz-se o melhor argumento para a rejeição da guerra.

O enjeitamento do canto épico é mero tópico literário, pois na elegia 4.6 Propério canta os feitos do Divino Augusto em Áccio e associa os acontecimentos aí passados aos combates e heróis homéricos. O poeta discorre ainda sobre a facção contrária, mais especificamente sobre Cleópa-

---

<sup>34</sup> O confronto provocado por essa abordagem era propositado e correspondia ele próprio a um tema: o canto do Amor em desfavor dos feitos bélicos.

<sup>35</sup> Plínio-o-Antigo, embora não coloque a crítica nos mesmos termos, alude também a essa mortandade (*Nat.* 7.149. e 14.148).

tra, por quem parece sentir algum fascínio, especialmente pela sua vontade férrea: esta, a causadora de todo o conflito, fugiu do combate ganhando apenas a possibilidade de ser ela própria a escolher o dia da sua morte<sup>36</sup>.

O poeta relaciona a batalha com a origem do Templo de Apolo Áccio naquela região. Na verdade, na obra do poeta *Actium* é o templo, o festival, o espaço, a batalha e os seus intervenientes, mas, acima de tudo, o amor vergonhoso do general romano pela bárbara Cleópatra. Amor que o poeta comprehende, não tivesse sido também ele enfeitiçado e caído numa loucura amorosa que o perde (2.16). No contexto elegíaco, *Actium* assumia, assim, dois principais motivos: o glorioso Bético e o trágico Amoroso<sup>37</sup>.

Outro célebre poeta elegíaco por quem a Batalha do Áccio não deixou de ser evocada foi Ovídio (43 a.C – 17 d.C.). Em *Metamorfoses* (13.715) o poeta lembra a região de Ambrásia, famosa pelo templo de Apolo Áccio, a qual, antes da disputa entre homens, havia sido objecto de litígio entre os deuses. A referência é simplesmente geográfica, pelo que a batalha aí ocorrida se encontra subentendida. A fama como região memorável de tempos gloriosos é inegável – o local assume agora esse valor por si só, sem haver necessidade de referir a batalha. Em contexto de registo histórico ou geográfico, tal não seria digno de nota, mas, quando evocado num género estético elevado, denota já um afastamento da realidade física e arqueológica, apresentando-se como local idílico e quase mítico.

Porém, o poeta, que desconsiderava o bético em favor da guerra da alcova, canta, em *Fastos* (1.717), os louvores do Áccio e a paz que os acontecimentos aí passados trouxeram a uma Roma mergulhada em guerras civis<sup>38</sup>. Este é o grande mérito que atribui a tal conflito. Tendo em conta que a rejeição literária das armas foi comum aos grandes elegíacos, a ideia de uma paz depois de um período tão traumático seria um tema digno de louvor e canto sincero (em contexto literário).

<sup>36</sup> Propério apresenta a fuga da egípcia, seguida por Marco António, como a causa da derrota da facção opositora de Octávio (2.16).

<sup>37</sup> O tema do amor maldito de António e Cleópatra foi caro a muitos autores romanos, pela tragédia nele implicada (Trogó Pompeu, *Historiae Philippicae* 40. fr).

<sup>38</sup> Este louvor de Áccio pode não ser inocente. Até pela restante obra, Ovídio não sentiria grande inclinação por cantar tais feitos; porém, a melindrosa situação em que se via envolvido no período de redacção dos *Fastos* pode ter sido o grande potenciador de tal disposição – lembre-se o exílio de Ovídio instigado por Augusto.

Em suma: a época em que se deu a batalha de Áccio e as suas circunstâncias tornaram-na memorável. Não tivesse o florescimento literário sido tão grande, como convinha à época dourada da literatura latina, é possível que a sua memória não fosse muito distinta da das campanhas de Cipião Africano ou de Pompeu. Não foi apenas a importância histórica que preservou e alimentou a sua memória, pois o avanço temporal é implacável. Foram os registos arquitectónicos, artísticos e escritos, que após o desaparecimento das gerações envolvidas na mesma, preservaram e alimentaram a memória e a ideia da batalha de Áccio.

São diversos os propósitos e os meios das suas referências: propaganda, constatação científica, auxílio astronómico, localização geográfica, paródia, motivo épico, tema amoroso, entre outros possíveis. A diversidade do seu significado e objectivo foi tão grande quanto o volume de ocorrências. Como no caso de Ovídio, o mesmo autor podia usar Áccio como lamentação, rejeição da glória militar e, assim sendo, glorificação épica. Por isso, não é possível alcançar um significado claro e irrefutável do termo Áccio no contexto letrado romano dos dois primeiros séculos da nossa era. Se cada autor lhe atribuía um valor específico, consoante as suas pretensões, também o comum romano que dela teria conhecimento o poderia fazer. A carga do termo seria individual e, ainda que o colectivo, por via da educação ou propaganda, o pudesse conotar, este mostrou-se aberto à sua exploração nas mais variadas possibilidades.

Inquestionável é a importância que a batalha e toda a temática a ela associada teve para a cultura romana, pelo menos aquela que formava o padrão romano. De contrário, esta não se teria transformado num evento cuja memória prevaleceu até aos dias de hoje. Aparentemente o termo teria um valor tão especulativo um século após o seu acontecimento, como tem dois milénios depois.

Pretendemos com este trabalho prestar homenagem ao Prof. Doutor José Ribeiro Ferreira e, ao mesmo tempo, agradecer o contributo do Mestre.

## Bibliografia

- ALBERTO, Paulo Farmhouse (2007), *Ovídio. Metamorfoses.* Lisboa, Cotovia.
- ALBRECHT, Michael Von (1997), *A History of Roman Literature, From Livius Andronicus to Boethius.* Vol. I & Vol. II, Leiden, Brill.
- BAILEY, D. R. Shackleton (1999), *Cicero. Letters to Atticus.* II, London, Loeb.
- BAILEY, D. R. Shackleton (2001), *Cicero. Letters to Friends.* II, London, Loeb.
- CITRONI, M.; Consolino, F. E.; Labate, M.; Narducci, E. (2006), *Literatura de Roma Antiga.* Trad. Margarida Miranda e Isaías Hipólito, Lisboa, Gulbenkian.
- ECK, Werner (2007), *The Age of Augustus* (Second Edition). Oxford, Blackwell.
- ERDKAMP, Paul ed. (2007), *A Companion to the Roman Army.* Oxford, Blackwell.
- FAIRCLOUGH, H. R. (1999), *Horace. Satires, Epistles, Ars Poetica.* London, Loeb.
- FRAZER, J. G. (1976), *Ovid. Fasti.* Vol. V, London, Loeb.
- GRANT, Michael (1974), *The Army of the Caesars.* London, Weidenfeld & Nicolson.
- HORNBLOWER & SPAWFORTH (1996), *The Oxford Classical Dictionary.* Oxford, Oxford University Press.
- JACKSON, J. (1970). *Tacitus. Annals XII-XVI.* Vol. 1. London, Loeb.
- LEÃO, Delfim F. (2005). *Petrónio. Satyricon.* Lisboa, Cotovia.
- NASCIMENTO, Aires A.; Pimentel, Maria Cristina; Alberto, Paulo F.; Segurado e Campos, J. A. (2002), *Propércio. Elegias.* Lisboa, Centro de Estudos Clássicos.
- PÓLIT, Aurelio Espinosa (1995), *Virgilio. Eneida.* Madrid, Ediciones Cátedra.
- RACKHAM, H. (1968). *Pliny. Natural History.* IV London, Loeb.
- RACKHAM, H. (1971), *Pliny. Natural History.* V London, Loeb.
- ROLFE, John C. (1998), *Suetonius.* Vol. 1. London, Loeb.
- ROSENSTEIN, Nathan and Morstein-Marx, Robert eds. (2006), *A Companion to the Roman Republic.* Oxford, Blackwell.
- SHIPLEY, F. W. (1979), *Velleius Paterculus. Res Gestae Divi Augusti.* London, Loeb.

- SCHLESINGER, A. C. (1967), *Livy. Summaries, Fragments, General Index. Vol. XIV* London, Loeb.
- WEBSTER, Graham (1996), *The Roman Imperial Army*. London, University of Oklahoma Press.
- WITTKE, Anne-Maria; Olshausen, Eckart & Szydlak, Richard (2010), *Brill's New Pauly, Historical Atlas of the Ancient World*. Leiden, Brill.